

Estudos da Língua(gem)

A linguagem em questão: *um recorte inter, multi e transdisciplinar*

Palavras de ordem e resistência: a linguagem em questão

Slogans and resistance: *the language in question*

Antonio Carlos Clemente Mateus*

Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ/Brasil)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Brasil)

RESUMO

Este artigo relaciona Linguística com Filosofia para discutir a resistência da linguagem literária às palavras de ordem que aprisionam o homem ao consenso formado pela mídia. O texto toma como ponto de partida a permanência do cinismo na arte para depois avaliar como se dá a relação entre a criação e o ato de resistência. Em seguida, aplicamos o conceito de resistência à leitura da narrativa *Reprodução* de Bernardo Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Linguística. Literatura. Palavras de ordem. Resistência.

ABSTRACT

*This paper relates Linguistics to Philosophy to discuss the resistance of literary language to the slogans that imprison the man in the consensus established by media. Firstly, it is remarked that the cynicism remains in the art and afterwards it is analyzed the relationship between the creation and the resistance act. At the end, we apply the concept of resistance in the interpretation of the novel *Reprodução* by Bernardo Carvalho.*

KEYWORDS: *Philosophy. Linguistics. Literature. Slogans. Resistance.*

* Sobre o autor ver página 41.

1 Considerações gerais

Para promover o encontro entre a Linguística e a Filosofia, colocando a linguagem em questão, tomamos como ponto de partida alguns escritos de Guattari, Deleuze, Foucault e Bakhtin, pensadores que visitaram essa linha delicada e complexa, formada pela fronteira dessas duas disciplinas. Outra aliada é a Literatura, representada por meio da narrativa *Reprodução* de Bernardo Carvalho, que apresenta questões de linguagem como exemplo dos problemas apontados.

Deleuze e Guattari (1995), no segundo volume de *Mil platôs*, dialogam com o conceito de discurso citado (discurso direto, indireto e indireto livre) de Bakhtin. Foucault também toma Bakhtin como interlocutor na segunda hora de aula de 29 de fevereiro de 1984, que foi publicada em *A coragem da verdade* (FOUCAULT, 2011). Para discutir a presença do cinismo na arte moderna, Foucault faz referência aos conceitos de festa e carnaval de Bakhtin.

Os conceitos de Bakhtin criam um ponto de interseção entre a obra desses pensadores franceses. O discurso citado é discutido em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 1988); o carnaval e a festa são tratados em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 1993) e em *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 1997). O pensador russo integrou em sua obra a Filosofia, a Linguística, a Teoria da Literatura e a Literatura.

A Literatura, por sua vez, é uma referência comum a todos esses pensadores. Intertextualmente, ela atravessa os debates travados pelos franceses e pelo russo. Frequentando as obras desses pensadores, encontramos um criativo questionamento que se ocupa de muitos artistas da palavra.

Isto posto, tomamos o romance *Reprodução* de Bernardo Carvalho como objeto de nossos comentários mais adiante, tratando de implicações filosóficas e linguísticas dessa narrativa como exemplo de problemas de linguagem.

2 A relação entre a arte e o cinismo

Voltemos à aula de 29 de fevereiro de 1984 que consultamos agora na edição de *A coragem da verdade* (FOUCAULT, 2011). Precisamos resgatar o encadeamento das ideias de Foucault. Ele começa pedindo a indulgência dos ouvintes porque vai arriscar-se por um desvio do tema principal de seu curso.

Propõe uma reflexão sobre o cinismo, tomado como uma categoria na cultura ocidental.

Foucault adverte que o cinismo já foi fortemente desqualificado na própria antiguidade. Lembra-nos de que houve uma ambiguidade da filosofia instituída em relação ao cinismo, pois existia a condenação de algumas práticas e o salvamento de um suposto núcleo que merecia atenção. Outra forma de desqualificação se refere ao fato de que conhecemos poucos textos do cinismo e isso o desfavorece em confronto com filosofias que têm núcleos doutrinários consolidados, por exemplo: a doutrina de Platão e de Aristóteles. Foucault lança a esse respeito uma ideia preciosa: o cinismo pode não ter sobrevivido como doutrina, mas sobreviveu como atitude e maneira de ser. Isso possibilita a existência de uma história que chegue até nós partindo da Antiguidade.

Nas referências bibliográficas alemãs que foram consultadas por Foucault, existe uma distinção entre o cinismo antigo e o moderno. Foucault cita Tillich, Heinrich e Gehlen e registra a existência do livro de Sloterdijk, *Crítica da razão cínica*, que não leu ainda.

Salienta que essas leituras permitem avançar uma hipótese de trabalho interessante: o cinismo pode ser visto como uma categoria que atravessa diferentes épocas da história ocidental. Em contrapartida, ressalva que cada momento pode manifestar o seu próprio cinismo por meio de práticas e estilos de existência, ou seja, existe um prosseguimento do cinismo como atitude e maneira de ser. Foucault destaca que a dimensão fundamental do cinismo é a forma de existência como escândalo vivo da verdade.

Nas referências alemãs ao cinismo que Foucault pôde consultar, verifica-se uma acentuada distinção entre o cinismo antigo e o moderno. Além disso, observa-se que o cinismo antigo é valorizado positivamente, e o moderno é desvalorizado. Foucault discorda tanto da descontinuidade entre o antigo e o moderno quanto da oposição de um cinismo bom a um cinismo mau.

O próximo passo da aula é acompanhar a viagem do modo de ser cínico através do tempo, observando os fatores que permitiram essa transmissão. O primeiro suporte da transmissão foi o ascetismo cristão, isto é, as práticas ascéticas, que são uma forma de dar um corpo à verdade.

Tratando da sobrevivência do cinismo no seio do cristianismo, Foucault cita uma passagem de *A cidade de Deus* onde santo Agostinho pergunta se alguém que adota o modo de vida dos cínicos pode ser admitido na comunidade cristã como um cristão verdadeiro, reconhecido pelos seus pares. Agostinho responde de modo afirmativo.

A ideia de despojamento une o cínico e o cristão. Referindo-se às ordens mendicantes, ressalta o gênero de vida adotado: usam roupas mais grosseiras, andam descalços, despojam-se de tudo. Essa maneira de viver assemelha-se ao despojamento do cínico que dispensa, por exemplo, o uso de uma caneca porque pode unir as mãos em forma de concha para retirar a água de um riacho.

Outros exemplos desse despojamento são dados pelos franciscanos que vivem na pobreza e por alguns heréticos que não têm domicílio fixo e tomam como modelo a nudez de Cristo ou a nudez da Cruz. Assim o corpo se torna um teatro visível da verdade, do escândalo da verdade. Escândalo que põe a nu a desmoralização do clero.

A segunda forma de encarnar a atitude cínica é encontrada nos movimentos revolucionários, no estilo de vida do militante. Esse estilo de vida militante também é visto como uma afronta pela sociedade. O confronto não envolve apenas o projeto político, mas também uma forma de vida, isto é, a forma de viver é, igualmente, uma atividade revolucionária.

Foucault cita três variedades de militância: a sociedade secreta, a militância instituída e a militância como estilo de existência. A sociedade secreta está ligada, por exemplo, à ideia de um complô contra o modelo vigente de sociedade. A militância instituída se materializa no sindicalismo ou nos partidos políticos, contudo a militância como estilo de existência se consolida mediante a ruptura com convenções, hábitos e valores da sociedade instituída, depondo de maneira concreta, como se fosse um testemunho, a favor de uma outra vida, distante dos padrões existentes. A respeito desse estilo de existência que põe em primeiro plano a ruptura, Foucault menciona a experiência de Dostoiévski, o niilismo russo, o anarquismo e o terrorismo.

O terceiro veículo de transmissão do cinismo é a arte e a vida de artista. Foucault fala de uma arte e uma literatura cínicas que expressam a oposição às regras de conduta e aos valores sociais e culturais vigentes. Faz menção à sátira e à comédia que ocupam uma posição de destaque nesse confronto com a ordem instituída:

A sátira, a comédia foram frequentemente atravessadas por temas cínicos e, melhor ainda, elas até certo ponto constituíram um lugar privilegiado da expressão para os temas cínicos” (FOUCAULT, 2011, p. 163).

Reporta-se ao estudo de Bakhtin sobre Rabelais, nesse momento, ressaltando a relação entre a festa e o carnaval, entretanto não menciona o livro

Problemas da poética de Dostoiévski (BAKHTIN, 1997, p. 122-131) onde os traços distintivos do carnaval são estudados de forma bastante elucidativa. Por isso, vale aqui a lembrança de alguns deles: o mundo invertido; a revogação das proibições e restrições; o livre contato entre aqueles que normalmente estão separados; a combinação de elementos distantes e separados; a profanação de símbolos sagrados; a coroação bufa e o posterior destronamento; a ênfase nas mudanças e transformações; os pares contrastantes (alto e baixo); o uso da paródia; a praça pública como símbolo do contato familiar. Esses traços nos ajudam a compreender o potencial de ruptura associado à sátira e à comédia como formas de expressão cínica.

Foucault (2011) revela outra face da transmissão do cinismo quando aborda tema da vida de artista, fazendo referência a Giorgio Vasari e Benvenuto Cellini. Ele afirma que a vida do artista é singular, não comensurável às dimensões normais e ordinárias. Acrescenta que a vida de artista é ela mesma uma obra de arte.

Ele adverte ainda que a arte, veículo do cinismo, relaciona-se com o real não para ornamentá-lo ou imitá-lo, mas sim para desnudá-lo e desmascará-lo, provocando uma redução ao elementar da existência e contrariando os cânones e os valores estabelecidos. É um gênero de arte que assume o risco de ferir.

3 O ato de criação é um ato de resistência

Deleuze, dialogando com Claire Parnet, elabora o conceito de resistência no *Abecedário*, conjugando-o com o problema da criação. O tópico da resistência começa com uma alusão à conferência pronunciada na FEMIS que circulou numa transcrição com o título *Ter uma ideia em cinema* e, depois, numa retranscrição com um novo título *O que é o ato de criação?* (DELEUZE, 2012).

No *Abecedário*, explica que o cientista, o artista e o filósofo são criadores. Afirma ainda que resistir é criar. Os problemas enfrentados por esses criadores são próprios de empreitadas diferentes. Os cientistas, por exemplo, enfrentam problemas quando desafiam a opinião corrente ou os interesses capitalistas implicados em certos programas de pesquisa. Sabemos que existem doenças muito lucrativas para a indústria farmacêutica, porém outras não despertam o interesse dessa indústria porque não são lucrativas.

Ao tratar dos artistas, evoca o exemplo de Primo Levi, que escreveu *É isto um homem?* (LEVI, 1988). Levi sobreviveu aos campos de extermínio dos nazistas. Deleuze diz que Levi sentia a vergonha de ser homem e associa essa vergonha à resistência. Esclarece que isso não significa que todos somos assassinos nem muito menos que todos somos culpados diante do nazismo. Levi fala, na verdade, de outras coisas. Fala do espanto de que um ser humano possa causar tanto sofrimento a outro ser humano, da vergonha de ter realizado atos abjetos e indignos para sobreviver, da vergonha de sobreviver no lugar de alguém melhor que ele por não ter se sujeitado a usar os mesmos expedientes indignos para sobreviver, da vergonha de pertencer à espécie humana porque foram homens que criaram os campos de extermínio. Esse é o sentido grandioso da vergonha que o artista pode mostrar aos homens. As páginas que Levi escreveu são um ato de resistência ao nazismo.

Num nível minúsculo, Deleuze lembra-nos de que existem, no nosso cotidiano, certos acontecimentos vergonhosos também. Eles não têm a proporção de Auschwitz, contudo causam uma pequena vergonha de pertencer à espécie humana. Essa pequena vergonha é uma resistência à besteira e à vulgaridade que nos afronta no cotidiano. A arte existe para que possamos resistir à tolice. O artista prejudica a imbecilidade. Um bom exemplo disso é o Flaubert de *Bouvard e Pécuchet*, que desanca as ideias mais tolas de uma época com uma sátira feroz.

Quando aborda a resistência, Deleuze (2012) pondera que a ciência, no momento em que cria funções, trata de problemas, de questões e resiste às interrogações imbecis da opinião corrente. Ele cria uma oposição entre a questão e a interrogação. Isso nos leva a outro tópico do Abecedário que é a questão. A interrogação alimenta os jornais e a televisão, por exemplo. A interrogação não levanta questões porque está comprometida com o consenso, isto é, com o acordo, a convenção. Vemos isso na televisão diariamente. Especialistas são convidados para tratar de uma questão, mas dizem aquilo que qualquer um poderia falar sem se especializar naquela questão.

Outro aspecto da questão da resistência que precisamos pontuar está ligado à conferência *O que é o ato de criação?* (DELEUZE, 2012). Nesse texto, a questão da resistência foi aproximada à comunicação, à informação e à palavra de ordem. Nessa conferência, Deleuze liga essas noções ao contexto da sociedade de controle e explica que a comunicação propaga informação. A informação, por sua vez, é um conjunto de palavras de ordem e também é um sistema de controle. As declarações da polícia são chamadas de comunicados com muita propriedade, mas a arte não é comunicação nem transmite

informação, ela resiste às palavras de ordem e à modulação que é criada pela sociedade de controle.

O conceito de palavra de ordem comparece em *Mil platôs* no volume dois. Deleuze e Guattari (1995) discorrem sobre a palavra de ordem ao tratar dos postulados da Linguística. Para compreender esse conceito, comecemos pelo sentido corrente da expressão palavra de ordem na linguagem corrente em português. Consultando o dicionário de António Martins Barata, encontramos distinções relativas ao significado da expressão palavra de ordem. Esse conceito é aproximado das seguintes expressões da língua portuguesa: lema e divisa. Antenor Nascentes elucida a diferença entre os dois termos. A divisa é adotada por uma pessoa, uma família ou uma corporação para manifestar seu caráter, seu sentimento dominante ou sua finalidade. O lema é a divisa de um partido ou de um povo. Esse é o sentido corrente da expressão, porém Deleuze e Guattari vão além dessa conotação da linguagem corrente. Em *Mil platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16), o conceito de palavra de ordem tem o seguinte sentido: “A linguagem só pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento.” Dessa forma, ocorre uma aproximação entre dizer e fazer no ato de fala, isto é, realizamos atos através das palavras.

Para resistir é preciso criar formas de existência que ponham a descoberto a vergonha maiúscula e a minúscula de ser homem em determinadas circunstâncias, é necessário também trazer questões que possam desafiar o consenso formado pelas interrogações imbecis e é fundamental romper os elos das coordenadas semióticas de palavras de ordem que aprisionam a vida em um dado momento.

4 Reprodução e resistência

O livro de Bernardo Carvalho põe a linguagem em questão de diferentes maneiras. É uma sátira que nos faz pensar sobre o estilo de vida existente na sociedade brasileira hoje, promovendo um desnudamento que desafia os significados e os valores vigentes. Isso nos remete à questão de Foucault a propósito do cinismo presente na sátira, entretanto remete igualmente aos questionamentos formulados por Deleuze e Guattari no que toca às palavras de ordem que nos aprisionam num círculo vicioso, formado pelo estreito caminho entre obedecer e fazer obedecer.

Antes de prosseguir, cabe uma rápida apresentação da trama de *Reprodução*, livro de Bernardo Carvalho, publicado em 2013. A história possui três partes, denominadas, respectivamente: A língua do futuro, A língua do passado e A língua do presente.

Na primeira, um homem, identificado na narrativa como estudante de chinês, encontra com sua ex-professora no aeroporto. Ela ensinou ao homem os rudimentos do mandarim, mas desapareceu do curso sem dar explicações misteriosamente.

O reencontro é marcado por fatos estranhos. A professora não está só, está acompanhada de uma criança que o estudante não conhece. Na fila do check-in, surge um agente da polícia que leva a ex-professora de mandarim e a criança. Logo depois, o estudante também é levado para uma sala reservada onde começa um longo interrogatório. O estudante é obrigado a explicar sua relação com a professora.

Durante o interrogatório, a fala do interlocutor do estudante, um delegado, não é representada diretamente. Sabemos que o delegado está lá, porém a fala dessa autoridade nos chega sempre por intermédio do estudante, que fala sem parar e transmite ao leitor a sua fala e a do interlocutor.

Na segunda parte da história, o estudante fica isolado na sala de interrogatório, está só, contudo escuta ou imagina que escuta a fala ininterrupta de uma delegada através de uma fina divisória que separa sua sala da sala ao lado.

O interlocutor da delegada é o delegado que estava interrogando o estudante, todavia a fala do delegado não é transmitida diretamente, pois o delegado é silenciado pela fala da delegada, repetindo o processo usado na primeira parte. Só que, na segunda parte, a fala da delegada é predominante e funciona como um filtro de transmissão das palavras do colega de trabalho, o delegado.

A conversa trata de uma operação policial malsucedida que envolve um pastor, investigado pela delegada. Há também insinuações da delegada sobre o colega. Ela acredita que está sendo investigada por ele. O delegado, por sua vez, tem teto de vidro, pois protege um agente que é filho bastardo dele e interferiu na investigação sobre a professora chinesa, acusada de transportar drogas.

Na terceira parte, o estudante retoma a palavra e questiona o delegado sobre a conversa que, supostamente, escutou através da fina divisória. Só temos acesso às palavras do estudante novamente. As palavras do delegado nos chegam por intermédio do estudante que filtra o discurso do interlocutor.

Existe um narrador que surge em diferentes momentos, sem ganhar um corpo próprio dentro da história. É uma voz que vem e vai, semeando a dúvida em várias ocasiões.

Percebe-se pela própria construção da trama a importância do discurso citado, conceito estudado por Bakhtin e discutido também por Deleuze e Guattari (1995, p. 24). O discurso do delegado é citado pelo estudante na primeira parte do livro. Na segunda, a delegada cita as palavras do colega de profissão. No livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, o conceito de discurso citado recebe a seguinte definição: “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 1988, p. 144). As palavras de um personagem ou sobre um personagem, ao serem retomadas por outro personagem, ganham conotação polêmica.

O protagonista da narrativa é o estudante de chinês. Ele não tem um nome próprio, assim como outros personagens da história. É desprovido de singularidade e reduzido a um papel social. O mesmo ocorre com o delegado e a delegada.

O estudante de chinês é divorciado e está desempregado. Sabemos, através do narrador, que o estudante “transformara os comentários anônimos na internet, e em especial os hediondos, em sua principal atividade diária” (CARVALHO, 2013, p. 10). Na primeira parte, durante o embate com o delegado, o estudante é tachado de “idiota da informação” (CARVALHO, 2013, p. 43). Esse rótulo é retomado na segunda parte da narrativa, quando a delegada traduz para o leitor a fala do colega a respeito do estudante, que ficara trancado na sala ao lado: “Que é que você quer dizer com leitor de revistas? Boçal. Ah! Um idiota da mídia. Anta.” (CARVALHO, 2013, p. 85).

O idiota, na antiga Atenas, é o cidadão privado. O termo era usado de forma depreciativa para indicar quem se apartasse da vida pública. O idiota, etimologicamente, vive num mundo particular, privado, pessoal e não participa dos negócios públicos, atinentes ao cidadão. Daí vem a conotação pejorativa associada ao termo que passa a traduzir a ideia de ignorância, alienação.

Os rótulos aplicados ao estudante carregam uma forte dose de ironia. A mídia faz a informação circular na sociedade, mas provoca uma inundação de palavras de ordem que aprisionam a vida das pessoas com diferentes formas de tirania.

A propósito do personagem idiota, vale ainda recordar os comentários de Deleuze sobre esse tópico. Em *O que é o ato de criação?* (DELEUZE, 2012, p. 392-393), ele recorda que os personagens de Dostoiévski

a todo o momento se encontram em estado de urgência, são questões de vida ou morte, porém há sempre uma questão que é mais urgente que as outras para os idiotas, entretanto eles não sabem dizer qual é essa questão mais urgente, razão pela qual ficam paralisados.

Deleuze aproxima Dostoiévski de Kurosawa e comenta o filme *Os sete samurais*. No filme, a urgência é a defesa da vila, pois os samurais aceitaram a missão de defendê-la, mas são atormentados por uma preocupação bem mais importante e profunda: o que é ser um samurai naquele momento em que a ação do filme transcorre? Deleuze elucida que, nas circunstâncias de *Os sete samurais*, os senhores não precisam mais deles e os camponeses vão aprender a se defender sem ajuda, mas os samurais continuam perguntando o que eles são.

O idiota da informação, protagonista da narrativa, enfrenta uma situação de urgência, pois está preso no aeroporto para investigação. O delegado que o interroga informa-lhe que pertence à brigada antiterror do aeroporto, porém o idiota da informação não se abala, ele tem preocupações mais urgentes que são ditadas pelas palavras de ordem da mídia. O idiota perdeu a liberdade e o direito de ir e vir, todavia isso não é o mais importante, pois dedica a maior parte de seu tempo a uma extensa pauta de interrogações tolas sobre os falsos problemas que são debatidos pela mídia. O idiota não vê que vive um estado de exceção.

A China absorve o protagonista, ela representa o futuro para ele. É verdade que o idiota chega a pedir um advogado, mas faz isso como se estivesse repetindo, mecanicamente, uma fala de um seriado policial americano para voltar depois à pauta interminável de clichês da mídia. O idiota da informação está cego.

Na cegueira em que vive, descreve o futuro para o delegado e procura convencê-lo sobre a importância de encontrar um lugar à sombra da tirania que se aproxima: “Um dia, todo mundo só vai falar e entender chinês. Pode escrever. Até isso aqui entre nós, este interrogatório, vai ter que ser em chinês. E aí quem não falar tá fodido. Já pensou? Eu não quero me foder. Ninguém quer” (CARVALHO, 2013, p. 15). O idiota está ansioso por se qualificar, tem certeza de que o futuro está bem perto. Ele aprendeu até uma canção de boas-vindas e adverte o delegado: “E quando eles invadirem o Brasil, quero dar as boas-vindas em chinês, cantando. Sabe como é que se diz? Não quer saber?” (CARVALHO, 2013, p. 16). A situação absurda é temperada com uma cordialidade mais absurda ainda: “Aliás, quero ver quem não falar chinês na hora que eles invadirem. Mas a gente é amigo, se tiver problema, o senhor diga que me conhece.” (CARVALHO, 2013, p. 17) Verifica-se, nessa última

passagem, uma inversão : o estudante pede um advogado ao delegado, porque vai perder o voo para a China, porém, nesse trecho, ele se torna o advogado do delegado, num país invadido. A subserviência do idiota assusta, mas também causa vergonha, vergonha da subserviência alheia.

O servilismo do estudante de chinês é vergonhoso, porém não está muito distante do mundo que encontramos nos jornais, neste ano de 2015, no Brasil. *O discurso da servidão voluntária* de Etienne de La Boétie continua atual. Basta ler as notícias sobre as manifestações que invadem, aos domingos, as orlas das praias da zona sul do Rio de Janeiro. A grande interrogação que assalta os intelectuais da mídia, ao observarem essas manifestações, é digna de figurar na ficção de Bernardo Carvalho: eles perguntam se é um gesto democrático pedir uma intervenção militar para corrigir o rumo da democracia.

A paixão triste pela tirania pode ser explicada pelas migalhas e pelos pequenos favores que são concedidos aos que ficam à sombra dos tiranos: “Assim o tirano subjuga os súditos uns através dos outros e é guardado por aqueles de quem deveria se guardar, se valessem alguma coisa; mas, como se diz, para rachar lenha é preciso cunhas da própria lenha” (LA BOÉTIE, 1999, p. 32-33).

5 Conclusão

O percurso realizado nos leva a ressaltar a importância da resistência na agenda contemporânea. Na sociedade de controle, somos atingidos por diferentes formas de modulação dos componentes de subjetivação. O marketing invade o nosso cotidiano, modulando o comportamento das massas para fabricar os idiotas da mídia e da informação.

Entretanto a arte continua combatendo a invasão do marketing impudente. Ela propõe estilos de existência alternativos, prolongando a visada crítica dos cínicos gregos. Dessa maneira, convenções sociais, normas, valores e significados são desnudados para que possamos ver que o rei está nu.

Para contemplar essa nudez, as interrogações que amarram o consenso são desafiadas com questões que são formuladas por artistas e pensadores. As questões, muitas vezes, são dolorosas porque expõem a vergonha de pertencer a uma espécie que é capaz das maiores atrocidades, mas essa espécie também sabe nos brindar com a poesia de Primo Levi (1988, p. 9):

É ISTO UM HOMEM?

Vocês que vivem seguros

em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,
pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.

Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras.
Gravem-na em seus corações,
estando em casa, andando na rua,
ao deitar, ao levantar;
repitam-nas a seus filhos.
Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
a doença os torne inválidos,
os seus filhos virem o rosto para não vê-los.

REFERÊNCIAS

BARATA, António Martins. **Dicionário prático de locuções e expressões peculiares da Língua Portuguesa**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, s/d.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo-Brasília: EDUNB-HUCITEC, 1993.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DELEUZE, Gilles. **O que é o ato de criação?** In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica-Crisálida, 2012.

_____; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____; PARNET, Claire. Abecedário. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 08/03/2015.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

*Recebido em maio de 2016.
Aprovado em setembro de 2017.
Publicado em junho de 2017.*

SOBRE O AUTOR

Antonio Carlos Clemente Mateus é doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (2008); mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil (2003). Pesquisa literatura e cultura contemporâneas.
E-mail: machado394@gmail.com